

## A OFICINA DE CULINÁRIA MASTER CHEF COMO UM DISPOSITIVO DE CUIDADO E COMPARTILHAMENTO DA VIDA.

Antônio Bispo dos Santos foi um homem lavrador que estudou os saberes do seu povo e lutou muito em defesa dos povos negros e comunidades quilombolas. Em um de seus livros chamado "A terra dá, a terra quer" (2023) ele conta que na arquitetura quilombola a cozinha é o espaço maior da casa e é lá onde as mulheres mais tem poder, porque quando elas estão cozinhando elas não estão sozinhas: quem chega à cozinha ajuda a cozinhar. E são elas que coordenam esse espaço. Quando uma mulher pega uma abóbora ela diz: "deixa que eu corto a abóbora!". Elas pegam um cheiro verde e alguém fala: "Deixa que eu faço a salada!". Elas não pedem pra ninguém fazer nada. Elas simplesmente vão iniciando a feitura e as pessoas vão tomando conta, vão jogando conversa fora. E nesse lugar é a comida quem agrega todo mundo.

Podemos dizer então que os afetos eram cultivados no espaço da cozinha. E é desse lugar que a gente quer fazer a pergunta. Como são as casas de hoje nas favelas? Quais são os afetos que costumam os encontros? E o que isso tem a ver com saúde mental das infâncias e adolescências? É esse o assunto principal que trataremos nesse trabalho.



Figura 1 A arquitetura das casas - Ilustração do livro "Obrigado", de André Neves.

Discutir as relações e os afetos implica em discutir os modos de morar e de se relacionar com o lugar onde estamos. Na cultura quilombola, o lugar mais importante de uma casa é a cozinha. É o lugar que dá chão para os encontros, para a reunião. Mas também há um outro lugar necessário: o quintal. É no quintal onde as crianças aprendem tudo, e também onde se guarda espaço para construir a casa de quem vai nascer, as casas das próximas gerações.

E na nossa região, qual é a parte mais importante de uma casa na favela? É a laje. É a partir da laje que se abre espaço para a construção de moradia de outras gerações. A primeira laje é para o primeiro filho ou filha que se casa, e a segunda é para fazer festa. Todo projeto de moradia que não considera essas características culturais é, o que chamamos de práticas colonialistas, ou seja, a arquitetura de uma outra cultura, nesse caso vinda da Europa, acaba se sobrepondo à nossa, goela a baixo, goste ou não, subjungando ou proibindo as expressões de moradia da cultura local. Hoje sabemos que o Programa Minha Casa Minha Vida é o programa mais colonialista nas políticas de habitação, porque nela tiraram os quintais, tiraram as lajes e deixaram as casas sintéticas, de paredes lisinhas, lineares e planas, feita por materiais que não são locais, apagando a identidade cultural do povo.

Se a moradia é o lugar onde vamos passar a maior parte de nossas vidas junto à família, qual a importância do lugar do trabalho para o adulto? Quem já escutou a frase "O trabalho é a nossa segunda casa", tem muito a ver com essa discussão. Como é a casa onde trabalhamos e como ela é cuidada pelas pessoas?

A casa em que está o Centro de Atenção Psicossocial Infante Juvenil (CAPS IJ) de Francisco Morato é uma casa grande, que possui uma arquitetura bastante diferente das casas localizadas nos morros de Morato. Enquanto nos morros as casas são verticalizadas, construídas uma sobre as outras a pensar nos filhos e nas gerações, a casa do CAPS IJ é uma casa ampla composta por três andares em declive: a entrada principal fica localizada de frente para a rua. É por ela que as pessoas se achegam e são recebidas. Nesse piso existem cinco salas de trabalho, onde acontecem a maioria dos encontros, um corredor que interliga a recepção às salas, e dois banheiros. Abaixo desse piso existe o andar inferior, onde está uma pequena cozinha (a comparar o corpo total da casa) conectada por um corredor com dois sofás, outras três salas maiores usadas para encontros grupais e um banheiro com chuveiro. Mais abaixo está o espaço do quintal, espaço amplo com uma grande árvore que faz sombra no chão de terra, morada para os passarinhos e lugar de visitação para pica-paus e maritacas que são aves da nossa região. Nesse mesmo quintal existem uma churrasqueira de tijolos que nunca foi usada e três banheiros. Um deles está interditado há pelo menos cinco anos por falta de reforma e manutenção. Os outros dois são subutilizados pelo mesmo motivo e falta de reposição de partes que foram roubadas como torneiras, assento, tampa do vaso...

A ameaça de invasores que saqueiam o serviço na calada da noite é uma ameaça constante, mas não é a única. A casa também está ameaçada pelas brechas do telhado por onde passa toda a água em dias de chuva, rachaduras em muros e paredes, e pela falta de investimento nas políticas públicas, sobretudo nas políticas de saúde mental, pois quem é que se importa não é mesmo?

Nós. Nós nos importamos. E esse nós somos uma voz comum, composta por trabalhadores e trabalhadoras, pessoas da comunidade que tem seus diferentes modos de viver e que buscam espaços de cuidado livres de controle e prisão. O CAPS IJ está a serviço das muitas infâncias e adolescências atravessadas pelo racismo de classe, racismo de gênero, racismo cultural e por tantas outras violências produtoras de adoecimento mental. E é nesse contexto social que a proteção, preservação e cuidado com a casa do CAPS IJ e as pessoas que ocupam esse espaço se faz fundamental.

### **Afinal de contas, que lugar é esse? É um lugar de resistência cotidiana.**

O CAPS IJ nasceu na cidade em 2016, mas esta casa nasceu para a comunidade do CAPS IJ um ano depois, em 2017. Localizada na Rua Virgílio Martins de Oliveira, nº 282 no centro da cidade, para os moradores a casa fica na rua da Giro Doces perto da rotatória e também perto da Igreja da Matriz, como se diz. Ela é alugada, como muitas outras e precisa de cuidados.

Em 2018 funcionaram aqui dois serviços: o Centro de Testagem e Acolhimento (CTA) que oferta o cuidado e tratamento para pessoas com Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) e Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) e o CAPS IJ, em diferentes pisos da casa. Durante a pandemia o CTA foi transferido para outro prédio central e esse espaço foi ocupado por um terceiro serviço, o Núcleo de Apoio às pessoas vítimas de Violências (NAV). Há 2 anos esse equipamento deixou a casa para ocupar o mesmo prédio onde está o CTA, deixando todo o corpo da casa disponível para a comunidade do CAPS IJ.

Nos últimos cinco anos passaram pela gestão três coordenadores de saúde mental diferentes e três diretores (as). Um deles afastou-se do trabalho por cinco meses por adoecimento relacionado ao trabalho e, em seguida, demitido. Por cinco meses o serviço vivenciou a autogestão por um colegiado gestor em defesa da permanência do espaço, que corria risco eminente de encerrar suas atividades - o CAPS IJ estava em crise! Trabalhadores e trabalhadoras pediam demissão, outros que chegavam encontravam um terreno sem fertilidade para querer ficar. E aqueles que ficaram continuam a enfrentar diariamente desafios dos mais diversos.

Eu lembro bem de um acontecimento que vivemos aqui no mês de julho do ano passado. Durante a crise, em que sentíamos o chão abrir diante os nossos olhos, vendo grandes atores do cuidado deixando a casa em busca de outra, decidimos reunir familiares, jovens e crianças em Assembleia e organizar uma grande festa no quintal da casa. Nesse dia passamos a maior parte do tempo na cozinha, "jogando conversa fora" como disse Antônio Bispo, e cozinhando com todos e para todos.

Dona Lourdes, que é a responsável pelos cuidados com a limpeza da casa foi quem trouxe a seleção de músicas e, enquanto preparávamos as comidas cantávamos em voz alta os grandes sucessos dos Mestres Carlos Dafé e os sambas da Geovana. Era como se a gente quisesse espantar a tristeza com toda aquela cantoria que vinha de dentro da gente.

Arrisco dizer que foi nesse dia que entendemos com nossa vivência a importância do cuidado daquela casa para todos nós, a importância do viver em comunidade não só para os usuários mas para a própria existência da equipe. Pensando na recuperação do lugar da cozinha para a cultura do cuidado, e na necessidade das trocas de afetos para a saída da nossa crise foi que **a cozinha passou a ser o lugar mais protegido da casa.**

**Trabalho em equipe: Estratégias de trabalho colaborativo, interdisciplinar e horizontal usadas no cotidiano de trabalho entre profissionais da mesma equipe.**

Para Antônio Lancetti, pessoa que participou incansavelmente em defesa da Saúde Pública e consolidação do SUS, participou da Luta Antimanicomial e implementação das Políticas em Saúde entre 80 e os anos 2000, a equipe é o grupo fundamental para o funcionamento das políticas públicas. Ela precisa ser operante, forte e flexível e a coordenação precisa ser exercida de modo firme e sempre favorecendo o desenvolvimento e as potencialidade de cada membro da equipe técnica (LANCETTI, 2015).

Para Lancetti o trabalhador do CAPS é como uma pilha: se for tradicional aguentará até se perceber completamente descarregada de energia. Por isso, a pilha precisa ser autocarregável! E existem muitas maneiras de se recarregar - com supervisões, discussões de caso, estudo, festas, passeios, encontros em bares, almoço coletivo, ou seja, experiências que reativam a potência do grupo.



*Figura 2 A cozinha como um espaço potencial para o cuidado da equipe - Registro de uma refeição feita pela equipe para a equipe.*

Depois da vivência da nossa crise, foi possível reconhecer a grande potência que a cozinha trouxe para o recarregamento de nossas pilhas. Estar no lugar da cozinha passou a significar lugar de união, de apoio, espaço de recepção e compartilhamento da vida. **Quem chega vai pra cozinha pelo desejo de encontro.**

Depois da festa, decidimos criar um dispositivo de cuidado que pudesse explorar esse espaço potencial. A cozinha se tornou o lugar mais protegido da casa e dispositivo de cuidado primeiro para a equipe que precisava de um **lugar de respiro**, para depois vir a ser um lugar de cuidado para os usuários. De modo bastante orgânico, o cuidado das pessoas que faziam parte dessa equipe operou em torno da comida - todo mês uma dupla de pessoas se dispunham a cozinhar para o grupo inteiro, sem que alguém precisasse pedir alguma coisa. Aquele movimento passou a ser reconhecido com naturalidade, coisa muito parecida com os movimentos da cozinha na comunidade quilombola, como nos contou Antônio Bispo dos Santos. Todos os trabalhadores da equipe e por vezes também os usuários sentavam em torno da mesa e desfiava conversa, **trazendo para vida a humanização das relações.**

#### **A Oficina de Culinária Master Chef: "A cozinha é o melhor lugar na arquitetura quilombola, o mais necessário e bem cuidado" (Antônio Bispo dos Santos)**

Nutridos pelos afetos produzidos em torno da comida, a Oficina de Culinária Master Chef foi construída como prolongamento das vivências que desejávamos cultivar, desta vez, junto à comunidade do CAPS II. De out/2023 -, a cozinha tem sido um lugar constante de experimentações criativas que opera o cuidado em saúde mental.



*Figura 3 À esquerda, momento de espremer as laranjas feito por uma adolescente do grupo. À direita, acerolas colhidas do pé por outra adolescente no quintal de sua casa.*

O nome da oficina foi inventado pelos próprios usuários (as) que encontraram identificações entre o que era produzido com o programa popular transmitido em rede nacional. Um grupo heterogêneo composto por 8 jovens entre 9 e 15 anos de idade participam a cada quinze dias de encontros mediados por duas técnicas de saúde mental: eu e a Ana, apoiadas pela retaguarda da Dona Lourdes que sempre nos auxilia com os cuidados do espaço, e o apoio institucional da Diretora Elaine e da Joélia, nossa responsável fiscal pela compra de insumos e matéria prima para a realização das atividades.

É a partir desses encontros que o contato acontece: enquanto um está a organizar a limpeza da louça o outro o olha e o reconhece enquanto sujeito no mundo. O papel de cada um passa a ser visto, reconhecido e valorizado. Sem a gente perceber, uma jovem está a procurar algo no armário que sirva ao seu processo de criação enquanto outro está a escrever com as próprias mãos a receita que será compartilhada com todos.



*Figura 4 Preparação de sucos naturais.*

Durante esse ano escolhemos discutir hábitos alimentares e o fomento de uma cultura do consumo de frutas e alimentação saudável. Então todos os pratos tiveram a presença de frutas, com diferentes preparos. Esse foi um jeito que encontramos também para a exploração da sensorialidade - lavar, descascar, cortar, tocar, esmagar, cheirar, lambe, sentir a temperatura, as texturas se tornaram práticas legitimadas dentro do grupo.

Dentro dessa comunidade, as famílias passaram a participar das oficinas à medida que foram designadas pelos próprios usuários do grupo como os "jurados", ou seja, aquele que possui a função de experimentar o prato, avaliar e fazer a crítica. Em um dos encontros, usuários prepararam docinhos de festa gourmet com baixo teor de açúcar, e cantaram "Parabéns" para uma das participantes do grupo, reunindo familiares e trabalhadores.



Figura 5 A turma preparando docinhos saudáveis feito com tâmaras, damasco e cacau em pó.



Figura 6 Comemoração do Aniversário de uma das participantes com todos os familiares.

Em sequência, a leitura desse projeto foi realizada junto às crianças, adolescentes e familiares a fim de envolvê-los no processo. À medida que este trabalho foi se apresentando, familiares se sentiram mobilizados e propuseram a realização de uma grande festa de comemoração do 1º ano da Oficina Master Chef. Como condição, lançaram mão a proposta de cada família trazer um alimento preparado junto à criança e adolescente, colocando desse modo a prática da convivência na cozinha como eixo de sustentação do cuidado.



*Figura 7 Festa comunitária em comemoração ao aniversário de 1ºano da Oficina Master Chef*

## **Narrativas**

A Oficina de Culinária Master Chef tem se revelado espaço potencial para o cuidado dos afetos e, sobretudo, para a desconstrução do paradigma de cuidado ambulatorial centrado no saber do especialista para o cuidado comunitário produzido pela existência do grupo e pelos diferentes saberes. A seguir, selecionamos algumas narrativas de familiares que discorreram sobre a experiência com a oficina:

"Meu filho aceitou de primeira essa ideia de estar com outras crianças em um grupo. Talvez a resistência maior tenha sido minha e da minha mãe porque a gente acreditava que as demandas dele tinham que ser tratada de modo individual pelos especialistas. Mas hoje eu consigo perceber que as mudanças acontecem com o tempo. Hoje eu consigo entender a importância do grupo porque isso refletiu nas mudanças de hábitos do F., porque lá em casa a gente evitava deixar ele

ficar na cozinha perto de panelas, perto do fogo porque dá trabalho promover essa autonomia. E também tem aquela coisa, as mulheres na minha família eram ensinadas a ir pra cozinha e os meninos a comer. Inconscientemente a gente reproduzia a divisão das tarefas pelo gênero. Então ensinar ele a fazer a própria comida, sinceramente, era algo que a gente não fazia. Agora que ele está dizendo pra gente que quer cozinhar a gente está deixando ele ir pra cozinha" (Familiar de F.).

"É..ainda tem muito machismo né" (Familiar de S.).

"É preciso uma aldeia para educar uma criança. E eu acredito que a gente não educa os nossos filhos sozinhos. Precisamos de todo mundo junto porque a inclusão é um desafio mesmo! E esse espaço que a gente tem, que é diferente do trabalho desenvolvido por exemplo, pela APAE, é um lugar pra eles se verem como um, e criarem vínculos de comunidade" (Familiar de F.).

## Discussão

Em 2002, Antônio Lancetti, através da Declaração da Saúde, defendeu que cuidar de doença mental e do sofrimento implicava a ampliação da vida, ou seja, a ampliação dos espaços de liberdade seja pela poesia, pela arte, pelos encontros. Nesse sentido, as práticas desenvolvidas através da Oficina de Culinária Master Chef tem se revelado espaço potencial para as trocas afetivas, para o convívio comunitário e familiar, no seio da própria existência, que seja capaz de se autocarregar. No sentido spinoziano, promover bons encontros ou encontros que aumentam a potência vital. Por meio de grupos, produzir novas sociabilidades e o comum gerado é o único dispositivo de proteção e cuidado da comunidade do CAPS IJ.



Figura 8 Festa comunitária em comemoração ao aniversário de 1ºano da Oficina Master Chef junto aos familiares